

## EDITORIAL

Temos acompanhado, nos dias de hoje, um grande número de pesquisas que se debruçam sobre dois temas caros à área da educação, a saber, a formação inicial e continuada de professores e os estudos sobre a infância. O conhecimento gerado em função das várias investigações produzidas em múltiplas disciplinas e campos de ação, nos cursos de graduação e de pós-graduação, expandiu nossa visão acerca desses campos, diversificou-a e, certamente, complexificou-a. Passamos a perceber a importância do estágio docente para a formação teórico-prática do professor, a refletir sobre as ações presentes nos projetos pedagógicos dos cursos para o desenvolvimento dos estágios curriculares supervisionados e a sublinhar a importância dessa formação como espaço de potencialização das reflexões que possibilitam a construção dos saberes necessários à formação global do professor e, em especial, à sua formação leitora para que ele, também, consiga desenvolver em seus alunos as competências necessárias para que estes sejam cidadãos críticos e protagonistas.

É importante também destacarmos o papel dos estudos relacionados à infância e a todo o universo plural que a circunda. Esses estudos reafirmam a ideia de que a criança é um ser autônomo, responsável, criativo e refutam considerá-la como objeto ou produto. Tal visão de infância traz em seu bojo a criança em relação com a educação e a sociedade e a necessidade de se promover desde a mais tenra idade condições de inserção dela no universo lúdico por meio das diferentes linguagens.

Não só os relatos e os artigos tratam dessas questões, mas, sobretudo, as galerias deste número da Revista Olhares e Trilhas nos deleitam com trabalhos de produção artística bastante relevantes, pois tratam da inserção de crianças e jovens no universo das sensações, das descobertas e das produções de arte, contribuindo para o crescimento

peçoal e para o conhecimento cultural desses sujeitos. Inserir os alunos em diferentes práticas amplia os letramentos para além dos chamados “letramentos escolares”, ou seja, possibilita um ensino que extrapola a aprendizagem da tecnologia do ler e do escrever e passa a oportunizar também outros contextos sociais, culturais e artísticos como forma de alargar o campo das linguagens.

Assim é que ofertamos mais esta edição da Revista Olhares e Trilhas, que traz artigos, relatos e galerias que abordam essas temáticas sob perspectivas bastante interessantes.

Na seção *Artigos*, Astrogildo Fernandes da Silva Júnior e José Josberto Montenegro Sousa apresentam uma discussão sobre o lugar da pesquisa e da didática da História na formação de professores do curso de História da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal – FACIP/UFU. Com base no Projeto Pedagógico do referido curso e em uma atividade desenvolvida pelos graduandos matriculados na disciplina “Estágio Curricular Supervisionado”, a saber, um texto relacionado às experiências dos alunos ao longo do desenvolvimento dessa disciplina curricular, os autores fazem uma reflexão sobre a práxis docente como forma de alertar os futuros profissionais da área sobre as armadilhas do ensino conteudista em detrimento da reflexão, e da necessidade de se superar a dicotomia ensino e pesquisa. Os textos produzidos pelos alunos do curso, durante as atividades na disciplina Estágio Curricular foram analisados pela dupla de professores e trouxeram importantes contribuições para se (re)pensar o ensino e o aprendizado de História.

Ainda em relação a esse tema, no quinto artigo, “A formação continuada como espaço de formação leitora”, as professoras Eliana Aparecida Carleto e Selva Guimarães discutem como a formação continuada de professores da educação infantil é importante para o desenvolvimento do gosto pela literatura. Segundo as pesquisadoras, é

fundamental que o professor seja um leitor exemplar a fim de conseguir criar estratégias para aproximar, de forma prazerosa, seus alunos do universo literário. Por meio de uma pesquisa-ação, as autoras investigaram quais as possíveis contribuições que as obras de literatura infantil de Ruth Rocha poderiam propiciar para a formação do professor e do aluno leitor dos anos iniciais do ensino fundamental em duas escolas públicas do município de Uberlândia, em Minas Gerais. Para elas, é importante – e necessário – que a formação do professor seja enriquecida com o ensino de literatura infantil a fim de que o objetivo principal do trabalho com a literatura seja a formação de leitores e tenha foco mais na fruição, no debate de ideias e nos questionamentos, do que na certeza, nos moralismos e no didatismo.

Outro tema em destaque neste número da Revista é a educação e o cuidado na primeira infância. A educação infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social. Assim, o processo educativo nessa faixa etária deve ser pautado por ações que deem mais ênfase na ampliação das linguagens e menos ênfase nos conteúdos escolares, uma vez que o universo infantil é ampliado por diferentes formas de representação de sua realidade, como as autoras desse artigo, as professoras Juliene Madureira e Celia Vectore, afirmam.

Esse é, portanto, o assunto do segundo artigo deste número da Revista Olhares e Trilhas. Esse artigo apresenta um estudo exploratório realizado com crianças pré-escolares de cinco anos. Por meio de oficinas, as pesquisadoras serviram-se da dinâmica de intervenção mediacional para checar se as crianças, ao serem expostas à interação com os contos de fadas, conseguiam construir repertórios cognitivos. O protocolo utilizado pelas pesquisadoras, intitulado *Dynamic assessment and intervention: Improving children's narrative abilities*, constou dos seguintes critérios de mediação:

focalização, expansão, mediação do significado ou afetividade, recompensa e regulação do comportamento. A metodologia de pesquisa consistiu em primeiramente estabelecer um “*raport*” entre os sujeitos (pesquisadoras e crianças participantes da pesquisa) para se criar vínculo entre esses atores e dar início aos trabalhos. Em seguida, as pesquisadoras criaram estratégias, baseadas nos critérios de mediação, para inserirem as crianças no universo da narrativa do conto de fada e, a partir daí, iniciaram o processo de exploração dos recursos que revelariam a representação do pensamento das crianças sobre algumas narrativas de contos de fadas. Para a realização da pesquisa, foram utilizadas estratégias advindas da interação entre diferentes linguagens, a saber, o desenho artístico e as brincadeiras, como formas inerentes do universo infantil, para dar vazão às representações cognitivas das crianças e o reconto oral da narrativa, momento em que as pesquisadoras ficaram atentas à forma como as crianças selecionavam os fatos mais importantes da história e como elas articulavam os elementos descritivos no momento da enunciação.

O momento subsequente da pesquisa foi marcado pela realização do protocolo de interação mediacional com base nos critérios apontados. Esse foi um momento rico em interações e trocas. As pesquisadoras puderam, nessa etapa, cotejar os dados para verificar se os elementos identificados nos desenhos das crianças provenientes das situações não mediadas sofreram modificação ao se realizar intervenções em situações mediadas. Também foi alvo de observação e avaliação por parte das pesquisadoras a quantidade de elementos descritos nas situações mediadas. Os resultados da pesquisa, conforme apontam as autoras, foram positivos porque conseguiram mostrar a eficácia da utilização das narrativas de contos de fadas para a construção de repertórios cognitivos em crianças pré-escolares. Tal inserção da criança nesse universo pode contribuir,

portanto, para o desenvolvimento linguístico, motor, psicológico, enfim, para o desenvolvimento integral da criança.

O 3º artigo deste número trata da “Reflexão sobre a necessidade da leitura literária na infância”. A autora, Fabíola Fernandes Andrade, embasa suas reflexões em Aristóteles e nos estudos filosóficos que sugerem ser a necessidade importante noção para se compreender a criação de vínculos de dependência entre, neste caso, a criança e a leitura literária. Tal dependência, segundo a autora, é um aspecto basilar na existência do sujeito e contribui para a satisfação de sua própria natureza humana. Nessa perspectiva, a escola possui a importante tarefa de promover a necessidade da leitura nas crianças. A autora afirma que para o professor poder planejar e organizar atividades que deem conta dessa tarefa é necessário compreender como gerar na criança a necessidade da leitura literária. Com base em Vygotsky, a autora afirma que a necessidade de algo é um sentimento que gera novas formas de comportamento, ou seja, ela é uma “força motriz” capaz de impulsionar o ser humano a realizar uma atividade que trará satisfação para si. Assim é que a criança, inicialmente, não percebe a necessidade de ler e escrever e talvez seja por isso, segundo pondera a autora, que ela considera o livro “chato”. Em vista disso, é importante o professor dominar mecanismos que possibilitem modificar a consciência leitora dessa criança em idade pré-escolar e propiciar momentos variados de imersão dela em situações reais de necessidade de leitura literária. A pesquisadora sugere ao professor a leitura prazerosa em sala de aula, em ambiente que permita a concentração e a imersão total nessa prática, de forma a possibilitar a ampliação das experiências de leitura da criança, porque, em verdade, “não se ensina uma criança a ler, mas é ela quem se ensina a ler”. Assim fazendo, diz a autora, a criança desenvolve a noção de necessidade de leitura literária, contribuindo,

finalmente, para a formação de cidadãos mais ativos e mais participativos em nossa sociedade.

O quarto artigo deste número da Revista traz uma questão delicada: a agressividade infantil. Nesse texto, a autora, Izabella Alvarenga Silva, faz uma reflexão bastante pertinente sobre essa questão. Para ela, o comportamento agressivo apresentado pelas crianças preocupa pais e profissionais da educação infantil. Izabella afirma que os impulsos agressivos fazem parte da constituição do ser humano e as razões que levam a essa agressividade são muitas e se não houver intervenções na tentativa de resolver os conflitos e desentendimentos cotidianos, a criança pode intensificar esse sentimento ao longo da vida, gerando a delinquência e o comportamento antissocial. O objetivo da autora nesse texto é contribuir para o entendimento desse comportamento em crianças em idade escolar e discutir as possíveis intervenções que podem ser desenvolvidas no contexto educacional. Por meio de pesquisa bibliográfica, a autora apresenta uma tipologia para os comportamentos de agressividade, todas elas relacionadas às relações interpessoais, pois este é o *locus* onde acontecem as relações e estas estão sujeitas a conflitos. De acordo com a autora, as causas da agressividade são também variáveis, podendo ser situacionais, como frustração, ataque, conflito, violação de normas, ou também ambientais estressantes, tais como calor ou ruído. Por isso, investigação minuciosa das causas da agressividade deve ser feita para se apurar quais variáveis estão agindo nos diversos momentos em que a criança se mostra violenta. Com base nesse levantamento, a autora apresenta uma série de encaminhamentos interventivos a partir dos quais a escola, em parceria com a família e com os órgãos públicos, possa cumprir com sua função de minimizar os impactos da agressividade na vida da criança, contribuindo para que ela compreenda as relações interpessoais de forma mais humanizada.

Na seção *Relatos*, apresentamos dois textos que tratam especificamente da questão da formação inicial do professor. O primeiro relato, intitulado “Uma experiência de estágio em História: reflexões”, da professora Aline Ferreira Antunes, apresenta o resultado do estágio supervisionado do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Uberlândia, realizado pela referida professora no ano de 2013 em uma escola pública federal de Uberlândia. O foco do relato foi o debate teórico sobre plano de aula e avaliação e a temática em discussão centrou-se nos povos indígenas da região de Uberlândia. Segundo a professora, o trabalho de planejamento das aulas ministradas foi fruto de um processo de estudo sobre como planejar e também de pesquisas específicas sobre o tema a ser abordado nas aulas. Após o planejamento das aulas, passou-se à aplicação delas no 6º ano, local onde houve forte interação com os alunos sobre o tema em pauta. Segundo a professora, a elaboração do plano de aula visou desenvolver o respeito aos povos indígenas, a percepção da existência desses povos no contexto atual e também reflexão sobre as lutas pela sobrevivência e pela convivência desses povos na sociedade dita “civilizada”. Em relação ao processo de avaliação do conteúdo, ao final das aulas do referido estágio, foi que os alunos produzissem um texto escrito sobre o tema abordado nas aulas. Segundo a professora, os alunos produziram vários gêneros textuais, tais como poemas, histórias em quadrinhos, entrevistas, uma vez que o gênero de texto era de livre escolha. Tais textos revelaram produções de qualidade e bastante reflexivas do ponto de vista do conteúdo trabalhado ao longo das aulas desenvolvidas no estágio curricular realizado pela professora. Assim, afirma a professora, a prática educativa mostrou-se comprometida com o aprendizado reflexivo e conectada com a transformação social.

O último relato deste número, “Uma experiência na formação: O ensino de funções e o geogebra”, de autoria de Anielle Glória Vaz Coelho, Lara Martins Martins

Barbosa, Maria Teresa Menezes Freitas, Ana Maria Amarillo Berton, apresenta uma discussão sobre a experiência de uma situação de ensino e aprendizagem vivenciada durante o período de Estágio Supervisionado III, integrante do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Uberlândia. Nesse estágio, as professoras realizaram uma atividade experimental com alunos do ensino médio, a respeito da função polinomial do primeiro grau. Por meio de oficinas, em que se utilizou o *software* GeoGebra, as professoras testaram a utilização de metodologias diferenciadas para despertar o interesse dos alunos para o conteúdo, favorecendo a aprendizagem.

Finalmente, temos neste número da Revista quatro galerias. Cada uma delas nos revela a sensibilidade, a leveza e a beleza do trabalho desenvolvido com alunos do ensino fundamental e médio de escolas públicas brasileiras.

A primeira galeria, intitulada “*Land art* em meu quintal”, de Ademir Barcelos Junior, mostra um belíssimo trabalho tendo por base o movimento artístico denominado *Land Art*. O projeto *Land Art em meu quintal* tem como referência imagética o filme “Rios e Marés” e teve por objetivo levar os alunos participantes a criarem, por meio de materiais disponíveis em casa, as relações entre o homem e seu habitat.

A segunda galeria retrata uma “Oficina de Xilogravura”, de Ana Marta Ferreira Austin, e teve por objetivo resgatar e fortalecer a cultura local, suas tradições e paisagens, por meio da produção de gravuras como expressão artística, aproximando o público infanto-juvenil da literatura de cordel e da produção de gravuras.

A terceira galeria, “Pela linha do tempo da história da arte”, de Kenia Olympia Fontam Ventorim, é um projeto que possibilitou aos alunos do ensino médio a descoberta de linguagens artísticas diferentes ao longo dos diversos momentos artísticos, como forma de descoberta e de valorização desses movimentos. Tal projeto também teve por objetivo preparar os alunos para a realização do Exame Nacional do

Ensino Médio (ENEM).

A quarta e última galeria, intitulada “Crescer para florescer”, de Lionizia Goyá, é um projeto que atende crianças e jovens carentes das escolas públicas e tem por objetivo inserir esses alunos no meio artístico, como forma de desenvolver neles habilidades artísticas, minimizando o tempo ocioso deles, possibilitando-lhes a oportunidade de se profissionalizarem. É um belíssimo trabalho social e os resultados são, certamente, bastante positivos, uma vez que a arte é o instrumento utilizado para a transformação social, o autoconhecimento, a diversão e a confraternização.

Assim finalizamos mais esta edição da Revista Olhares e Trilhas. Esperamos que vocês, leitores, sintam-se inspirados por esses trabalhos, compreendam a complexidade dos temas aqui abordados e sua estreita relação com o universo da formação inicial e continuada de professores e seus imbricamentos para a prática saudável e reflexiva da docência e reflitam sobre as especificidades da educação infantil e toda sua sorte de manifestações. Só assim, conhecendo um pouco melhor esses campos é que refletiremos sobre as vicissitudes deles e valorizaremos o trabalho dos profissionais que lidam com essas questões.

Boa leitura!!

Profa. Dra. Cláudia Goulart Morais